

MEMÓRIAS DA REVOLUÇÃO MEXICANA: um estudo a partir de *Los últimos, zapatistas héroes olvidados e Pancho Villa, La Revolución no ha terminado*

Robson Nunes da Silva*

RESUMO

As reflexões sobre a Revolução Mexicana e seus resultados se fazem presentes no campo do conhecimento historiográfico, e artístico, ao longo dos últimos cem anos de história mexicana. Os documentários do cineasta Francesco Taboada Tabone exploram a memória e o imaginário da Revolução, a partir das experiências daquelas que viveram e ainda vivem os efeitos da insurgência de 1910. Procurando entender de que maneira a Revolução é rememorada por veteranos da guerra, o presente estudo enverga-se no campo da historiografia, e propõe um estudo sobre a representação do passado revolucionário mexicano pela experiência a partir da história oral capturada pela imagem, compreendendo o cinema como fonte e objeto de análise que abre possibilidades para a pesquisa histórica. Na construção fílmica de Tabone, a Revolução Mexicana possui características singulares, que a diferenciam da perspectiva institucionalizada. O artigo explora essa ideia, fundamentando-se na análise das imagens em movimento, e os conteúdos que propõem para o evento histórico em questão.

Palavras-chave: Revolução Mexicana; Francesco Taboada Tabone; Cinema documental.

ABSTRACT

The reflections about the Mexican Revolution and its results are made present in the historiographical knowledge, and artistic, during the last hundred years of Mexican history. The film-maker Francesco Taboada Tabone documentaries explore the memory and Revolution's imaginary, from the experiences of those that lived and still live the effect of 1910's insurgency. Looking for ward to understand in which way the revolution is remembered by the war's veterans, the present study lay son the historiographic field, and proposes a study about there presentation of the revolutionary Mexican's past from the oral history captured from the image,

* Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em História pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: robsonsilva@discente.ufg.br

understanding the cinema by source and analyses object that open possibilities to the historical history. In the Tabone movie's construction, the Mexican revolution has singular characteristics, that differences it from the institutionalized perspective. The scientific article explores this idea, based on the images in movement analysis is, and it's contents that propose to the historical event mentioned.

Key-words: Mexican Revolution; Francesco Taboada Tabone; Documentary cinema.

TABOADA TABONE: UM CINEASTA DA REVOLUÇÃO

O despertar de Clio, sobretudo a partir da segunda metade do século passado, desencadeou a grande virada epistemológica, que transformou o campo da historiografia ainda muito influenciada pelos paradigmas das correntes historiográficas oitocentistas. Desde então, e impulsionado pelos estudos culturais, a pesquisa histórica apresentou o acolhimento de uma série de novos sujeitos, novas abordagens e novas problemáticas. Por essa ascensão, o estudo da relação da História com o Audiovisual e das possibilidades da apropriação do cinema como fonte, sujeito e objeto, ocupou seu devido lugar, no campo da historiografia, como categoria de análise crítica. Assim, os filmes como documentos e fontes, ao representar uma imagem do passado ocorrido, ou imaginado também se mostram um veículo adequado para compreensão da sociedade do presente que o produziu (FERRO, 2010). Por essa categoria, a Revolução Mexicana (1910-1920), a primeira grande Revolução popular do século XX, foi amplamente pensada e representada pela narrativa cinematográfica de ficção e documental desde sua eclosão. Além da representação fílmica, significativas contribuições históricas sobre a Revolução resultam do campo da fotografia, da literatura e do muralismo mexicano.

Entre 1998 e 2008, o cineasta mexicano Francesco Taboada Tabone (CUERNAVACA; MORELOS, 1973) e sua equipe investigaram as revoluções zapatista e villista por meio da história oral, e da memória coletiva mexicana através daqueles que viveram e fizeram a Revolução Mexicana como protagonistas, ou como testemunhas oculares, sobreviventes que acompanharam Emiliano Zapata e Francisco Villa em batalhas, veteranos e familiares dos *caudilhos* da Revolução. Desses, obteve pela lembrança mediada pela memória individual e coletiva, testemunhos e histórias da insurgência camponesa que expressam as experiências de suas vivências durante e após os anos de conflito. A captura em imagens

das revoluções rememoradas resultou nos documentários cinematográficos *Los últimos zapatistas, héroes olvidados* (2001) e *Pancho Villa, la revolución no ha terminado* (2008). O resultado final revela a força presente da revolução imaginada, inacabada, e ainda em curso no imaginário e no cotidiano dos herdeiros, e herdeiras da grande revolução camponesa do Exército Libertador do Sul e da Divisão do Norte. Ambos os trabalhos oferecem relatos de uma Revolução Mexicana subalterna.

O que pretendo, com este texto, apoiado no estudo da relação entre História e cinema, é investigar as Revoluções zapatista e villista a partir da narrativa daqueles que viveram a guerra, ou por ela foram, de alguma maneira, afetados. A partir dos documentários escolhidos para esse objetivo, investigar, através dos relatos, a presença revolucionária rememorada e retratada no instante de “perigo” entre os anos de 1998 e 2008, e a utilização dos ideais de justiça social e econômica no campo impulsionada pela Revolução de 1910, à sombra, sobretudo do zapatismo, como estratégias de resistência às velhas políticas trajando novas vestes e orientadas pelo neoliberalismo. Por isso, o desafio proposto por esse estudo, está inserido numa perspectiva de representação histórica a partir da Revolução rememorada e utilizada em tempos de crise. Assim, a questão que trago é: o que dizem os(as) narradores(as) sobre os anos de conflito, os ideais, as causas, os protagonistas e os resultados? Em que medida as políticas econômicas e sociais do Governo de Carlos Salinas de Gortari (1988-1994) são responsáveis pela retomada dos ideais revolucionários indígena e camponesa no campo da lembrança e, conseqüentemente, da resistência?

Elegendo o filme documental como objeto de investigação histórica, mostra-se necessário o estabelecimento de procedimentos metodológicos adequados para tornar legível a leitura imagética. Por isso, o método que aqui proponho, busca fornecer caminhos para submeter os documentários à análise fílmica, tendo em vista um procedimento que alcance a realidade interior e exterior ao filme, tecendo diálogos entre ambas, levando em consideração a sociedade que o produziu e que o recebeu. Em conjunto com a metodologia que advenha do áudio visual, a investigação fílmica congrega com outras metodologias que não surgiram como forma de análise fílmica, mas que poderão contribuir sobremodo para o alcance dos objetivos propostos. Sobre os caminhos, algumas etapas e procedimentos levantados por Jonh O’Connor se fazem valer. O’Connor aponta os seguintes procedimentos em seu projeto de método. Tal projeto:

Sugere que deveriam existir dois estágios para a análise de um documento em imagem animada, um de caráter geral e outro mais específico. A análise geral deve suscitar o mesmo tipo de questões que poderiam ser dirigidas a qualquer documento manuscrito – questões sobre as informações que ele contém, o pano de fundo de seu contexto e sua influência histórica. [...] A completa compreensão do conteúdo de um filme, por exemplo, pede que se leve em conta considerações sobre os ângulos da câmera, iluminação, composição do enquadramento, montagem e a maneira como cada um desses e outros elementos da linguagem visual motivam sutis (até mesmo inconscientes) modelos de interpretações. [...] Se não uma análise quadro a quadro ou plano a plano, uma decomposição cena a cena, sequência a sequência é certamente necessária para o entendimento da ordem das imagens, de suas interferências recíprocas e de como elas interagem com qualquer trilha sonora que seja (O'CONNOR *apud* FREIRE, 2006, p. 711-712).

Para um exame mais estrito, Vanoye e Goliot-Lété sugerem desconstruir, desmembrar um filme para obter do mesmo diferentes elementos para análise. Em seguida, estabelecer “elos entre esses elementos isolados, em compreender como eles se associam a se tornam cúmplices para fazer surgir um todo significativo” (2008, p. 15). Na mesma direção de tratamento mais estrito, vale observar a metodologia descrita por Cristiane Nova, que devem incluir:

Resgate de cronologia da produção do filme (período de produção e de lançamento); [...] levantamento da equipe técnica de produção, dos seus custos de produção, das fontes financiadoras e de outros fatores importantes (como público-alvo, por exemplo) do processo de produção. Nesta etapa, parte-se para o estudo, mesmo que superficial, da biografia dos produtores do filme: a que classe social pertencem, que tipo de filmes já produziram, quais características mais gerais dessas produções e em que elas se assemelham à película que está sendo pesquisada etc (1996, p. 223).

Após essa etapa inicial de crítica externa do documento fílmico, Nova destaca o segundo e terceiro estágio da crítica, agora, interna do documento. Aqui, conteúdos que se colocam de forma explícita, os que se manifestam nas entrelinhas na forma implícita e os elementos inconscientes, formam a etapa de análise interna do filme. Assim, uma metodologia adequada à análise fílmica exige o trato do filme em sua totalidade.

REVOLUÇÃO MEXICANA NA NARRATIVA INSTITUCIONALIZADA

A Revolução Mexicana foi o resultado inevitável das contradições existentes de uma política orientada pela grande expansão da *hacienda* durante a segunda metade do século XIX, às custas da exploração desmedida dos trabalhadores do campo e da cidade, o que resultou na miséria generalizada, fruto da concentração de renda e da propriedade privada da terra. As décadas que antecederam o levante armado foram, para os grupos que controlavam o poder político e econômico, anos de progresso econômico e social com a chegada do México na esfera da modernidade; a locomotiva com seus milhares de quilômetros de ferrovia se tornou símbolo de “prosperidade” desse período. Contudo, é preciso lembrar que foi também um tempo de opressão, pobreza e injustiças sociais, e de políticas econômicas resultados de uma estrutura remanescente do colonialismo ainda muito presente na realidade mexicana. Nesse período, trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade, e povos originários do México pré-hispânico sofreram o golpe maior.

Em resposta à grande concentração de terras, e os resultados da política citada acima, emergiu de um México profundo, uma população determinada a enfrentar, pela via armada, o governo e seu projeto capitalista excludente e realizar as reformas políticas, sociais e econômicas necessárias. “*El mestizo y el indio esperaron silenciosos la hora del disquete y llegado el momento propicio, rifle en mano se arrojaron a la lucha reivindicadora*” (HERZOG, 2004, p. 30). O chamado foi oficializado por Francisco Ignacio Madero González (1873-1913) e foi programado para começar às 18h do dia 20 de novembro de 1910. Contudo, “ela não começou às seis da tarde nem no dia 20 de novembro de 1910, mas em maio de 1911” (CAMÍN; MEYER, 2000, p. 34). Homens e mulheres, muitos desses ainda jovens e com raízes firmes em atividades do campo, intelectuais anarquistas, políticos liberais, trabalhadores e trabalhadoras da cidade protagonizam a resistência e organizaram a Revolução que rompe a continuidade histórica do *Porfiriato*¹ em 1911.

¹ “*Porfiriato*: período de governo de Porfirio Díaz, entre 1876-1911, caracterizado pela centralização política, desenvolvimento econômico com o incremento dos investimentos norte-americanos e expansão das grandes propriedades” (BARBOSA, 2008, p. 88).

A comunidade camponesa, muito prejudicada pela política de desapropriação de terras, formou o grupo que impulsionou a ruptura, determinou os principais conflitos, as fases e os resultados da insurgência. Destacaram nessa frente, facções como a do Exército Libertador do Sul, ou zapatistas, que atuaram, e atuam, no estado de Morelos e na região Centro-sul do México, motivados pelos ideais de “Terra, Liberdade, Justiça e Lei”, uma exigência, de caráter emergencial, exposta pelo *Plan de Ayala*² sob a liderança do revolucionário camponês Emiliano Zapata Salazar (1879-1919). Outro grupo, com significativa expressão revolucionária, os villistas, foi formado nos estados do Norte sob o comando de José Doroteo Arango Arámbula (1878-1923), conhecido pelos revolucionários por Francisco Villa ou Pancho Villa, e imortalizado no imaginário mexicano como o “Centauro do Norte”. O grupo de Pancho Villa, denominado de Divisão do Norte, compartilhou os mesmos objetivos que motivaram os zapatistas: justiça social e econômica no campo, embora diverjam em alguns pontos. Unidos, em 6 de dezembro de 1914, após o sucesso em várias batalhas contra José Victoriano Huerta Márquez (1850-1916) que havia traído e assassinado Francisco Madero, Villa e Zapata, seguido por milhares de homens e mulheres, tomaram a Cidade do México e ocuparam o Palácio Nacional. Essa ação simbolizou uma expressiva vitória contra a política de opressão, de injustiça social e econômica. Tal feito foi motivo de comemoração e esperança para zapatistas e villistas.

Após vencerem as forças contra revolucionárias, as facções, outrora unidas em aliança militar contra o usurpador Huerta, agora protagonizam outro momento da insurgência: a guerra entre as facções. Zapata e Villa se tornam o próximo alvo de ataques dessa nova fase da Revolução. Venustiano Carranza Garza (1859-1920) liderando as forças constitucionalistas³, assim denominados, pois seu grupo defendia a restauração da constituição liberal de 1857, ocupou a presidência, entre 1914 e 1917, como presidente interino e, após a promulgação da nova constituição em 1917, como presidente eleito do México entre 1917 e 1920. Carranza, enquanto

² Proposta criada e assinada por Emiliano Zapata e Otilio Montaño que consiste na restituição das terras tomadas das aldeias durante o *Porfiriato* e redistribuição agrária das fazendas maiores, com indenização.

³ “Constitucionalistas: partidários da manutenção da Constituição de 1857, desrespeitada por Victoriano Huerta quando este destituiu o presidente legitimamente eleito, Francisco Madero. Posteriormente, mantiveram o epíteto em oposição aos partidários da Convenção de Aguas calientes. As principais lideranças desse grupo político foram Venustiano Carranza e Álvaro Obregón” (BARBOSA, 2008, p. 87).

fora presidente, orquestrou o assassinato de Emiliano Zapata e consolidou o feito em 1919, traindo os ideais de Zapata e dos zapatistas. Em 1920 foi forçado a renunciar sob o risco de ser assassinado. Na sequência, Álvaro Obregón Salido (1880-1928), ex-aliado de Carranza durante a revolta contra Huerta, foi presidente do México entre 1920 e 1924, após uma revolta militar que depôs o presidente Venustiano Carranza, assassinado em 1920. Francisco Villa e os villistas foram o segundo alvo de ataques do novo governo. Como os zapatistas, os villistas foram traídos pelo governo de Obregón com o assassinato de Pancho Villa em 1923. O assassinato de Zapata e Villa representou o rompimento com o projeto político que guiou os ideais das comunidades camponesas e das forças revolucionárias mais expressivas da guerra.

Os acontecimentos resultantes da Revolução de 1910-1920, e das consequências decorrentes desse evento, implicaram em profundas experiências de guerra que atravessaram a vida, a memória e as histórias dos grupos engajados diretamente, e indiretamente no zapatismo e no villismo, que sobreviveram às décadas seguintes. As causas, a luta, os protagonismos e os resultados foram amplamente lembrados e representados pelos mais diversos campos das artes e dos saberes que, nos anos de reconstrução nacional, e ao longo do século passado, ocupou do exercício de representação dos espaços de experiências, das expectativas, das glórias, das derrotas, dos traumas e dos sentimentos frutos do conflito. O cinema mexicano capturou a imagem da guerra e narrou distintas histórias, expressou crítica e simpatia, revelou e ajudou na consolidação da imagem mítica dos líderes camponeses da Revolução. Vale lembrar que, as diferentes interpretações estão longe de ser estáticas e homogêneas. Nas décadas seguintes, a Revolução foi institucionalizada e sua realização passa a ocupar o lugar de nascimento de uma nova era onde, a homogeneização das distintas frentes de batalha, são postas como fundadoras da nova pátria desconsiderando as divergências expressivas entre elas. Nesse processo, monumentos foram erguidos em memória aos líderes revolucionários e seus feitos, canções foram e são cantadas refletindo as aventuras e desventuras da guerra, narrativas literárias e imagéticas contam as histórias reais e imaginadas do conflito. Assim, o imaginário revolucionário foi se consolidando ao longo do último século sob a tutela do Estado dirigido pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI). A Revolução passou a “pertencer” ao Estado. E nesse contexto, o cinema foi decisivo no processo de consolidação da

institucionalização da Revolução Mexicana. Contudo, os relatos obtidos em *Los últimos zapatistas, héroes olvidados* e *Pancho Villa, La revolución no ha terminado* sugerem uma outra experiência revolucionária existente na memória de zapatistas e villistas. A seguir, na análise dos documentários, buscarei explorar e identificar tais experiências.

TABOADA TABONE E A REVOLUÇÃO EM IMAGENS

Tabone pertence a uma tradição cinematográfica de cineastas mexicanos que há um século se dedicam ao ofício de pensar a Revolução Mexicana através da representação imagética. Especializado no gênero documental, Tabone é reconhecido pela comunidade cinematográfica nacional e internacional por seus trabalhos, dos quais recebeu diversos prêmios em festivais e eventos do setor. Seus principais trabalhos incluem, além dos escolhidos para este estudo, *13 Pueblos en defensa del agua, el aire y la tierra* (2008), *Tin Tan* (2010) e *Maguey* (2014). Além de cineasta documentarista, Tabone possui formação acadêmica em Ciências da Comunicação, e mestrado em Estudos Mesoamericanos pela Universidade Autônoma do México (UNAM), com a dissertação: *Amo ti mokaua, Movimientos sociales de raíz indígena em el estado de Morelos* (2013). Por seus trabalhos que tratam dos assuntos da Revolução, escreveu o crítico de cinema mexicano Jorge Ayala Blanco, "*Francesco Taboada se ha convertido a sus 35 años em nuestro máximo documentalista histórico revolucionario*" (2011, p. 305). Tabone tem se destacado, também, como ativista engajado na defesa dos direitos linguísticos e na preservação da cultura dos povos tradicionais de um México pré-hispânico.

Para a realização dos documentários, Tabone construiu uma metodologia de investigação em três partes: 1) Conhecendo o território. O cineasta se preocupou em conhecer os nomes e os lugares que a ele foram mencionados, familiarizou-se com a fauna, flora e a cultura nativa, e isso lhe permitiu uma maior interlocução com os entrevistados. 2) Organizou os testemunhos em grupos, com ênfase naqueles que pertenceram ao Exército Libertador do Sul, aqueles que testemunharam os eventos da Revolução e aqueles que conservam a memória de seus pais. 3) Preservando a integridade do entrevistado. Utilização de uma equipe de gravação modesta e fornecendo os espaços necessários para as narrações respeitasse a lembrança e, para isso, acrescentou algumas poucas

perguntas durante os testemunhos. Sua metodologia buscou preservar os testemunhos e integrá-los em uma narração comum. Essa metodologia foi repetida, sob adaptações necessárias, durante as investigações para documentar *Pancho Villa, la revolución no ha terminado* (TABONE, 2013).

Imagem 1 – Capa do encarte do DVD e cartaz de divulgação do documentário *Los últimos zapatistas héroes olvidados*.



Fonte: <https://francescotaboada.com/>

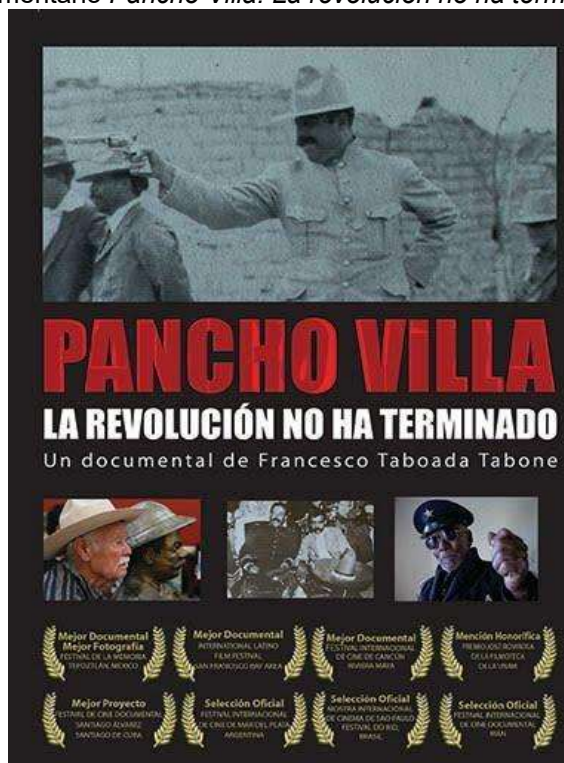
Em *Los últimos zapatistas*, Tabone entrevista os últimos combatentes zapatistas ainda vivos. Entre os quais estão: alguns soldados, um tenente, um coronel, um mensageiro entre outras testemunhas. Esses narram suas próprias vivências, as causas e os principais acontecimentos da guerra, a imagem de liderança e de esperança na pessoa de Emiliano Zapata, bem como os sentimentos com a Revolução de 1910 e o perigo presente com o

projeto de governo durante o mandato do presidente Carlos Salinas. Aqui há, também, o encontro histórico de duas gerações de zapatistas quando os veteranos zapatistas se encontram com os membros da resistência indígena do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN)⁴, em Chiapas, México. O encontro entre as gerações de zapatistas surge como continuação revolucionária e uma resposta imediata às reformas adotadas por Salinas. Os narradores e narradoras transitam pelas causas, os ideais, os acontecimentos, a figura do herói e os sentimentos com a apropriação da guerra ao longo do século XX. Em suas próprias palavras: “*son testimonios de un mundo que se extingua, el de aquellos que habían sido testigos de la Revolución Mexicana y habían vivido bajo el yugo de las haciendas*” (TABONE, 2013, p. 2).

Em *Pancho Villa, la revolución no ha terminado*, a história oral também foi objeto para a representação imagética da experiência revolucionária de Pancho Villa e dos villistas. Ex-combatentes, testemunhas oculares, filhos e filhas de Villa e descendentes de combatentes da Divisão do Norte tombados em batalha, formam os objetos e as fontes para a composição da narrativa histórica da revolução villista e sua atuação decisiva durante os anos de conflito. O documentário destaca os feitos de Villa, dos que o seguiram em batalhas e de seus projetos pensados para região Norte do país, e a presença viva desses feitos na memória dos entrevistados. Dessa forma, como destaca Martín, Taboada propôs, ao realizar os documentários, “*rescatarla tradición oral de los mexicanos y La memoria de aquellos sobrevivientes que acompañaron al Caudillo Del Sur y al Centauro del Norte en su lucha*” (2010, p. 260-261). Tabone considera a oralidade o veículo mais importante na preservação de eventos históricos. “*La tradición oral em algunas ocasiones tiene el mismo valor que un documento*” (ROQUE apud TABONE, 2013, p. 29).

⁴ Em 1º de janeiro de 1994, no Estado de Chiapas, emergiu do México profundo a insurreição da organização camponesa-indígena conhecida por Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). Após intensos conflitos contra as forças militares em *San Cristóbal de Las Casas*, capital do Estado, demonstrou ao público as causas da sua existência. O levante possui como objetivos dimensionar o EZLN como força política nova, independente; pelo respeito aos povos indígenas e pelo fim da guerra de extermínio. O principal porta-voz do grupo é o Subcomandante Marcos. Fez sua primeira aparição em 1º de janeiro de 1994 em uma ofensiva militar em municípios do estado mexicano de Chiapas. Como líder da insurgência zapatista, adotou o nome Marcos em homenagem a um colega que morreu. Em 2014, mudou de nome para Subcomandante Insurgente Galeano, nome em homenagem a um zapatista com o mesmo nome assassinado pouco tempo antes.

Imagem 2 – Capa do encarte do DVD e cartaz de divulgação do documentário *Pancho Villa: La revolución no ha terminado*.



Fonte: <https://francescotaboada.com/>

Los últimos zapatistas, héroes olvidados e Pancho Villa, la revolución no ha terminado, possuem uma narrativa imagética crítica dos eventos da história nacional, sobretudo da Revolução de 1910. “*En estos trabajos se hace una crítica del mito revolucionario y se nos emplaza a invocar el espíritu de lucha de Zapata y Villa, dos espectros que ronda nel imaginario mexicano em tiempos del neoliberalismo*” (VELAZCO, 2020, p. 8). O elemento crítico não resulta apenas como reação ao período neoliberal, mas se constitui como resposta aos mitos revolucionários consolidados pela institucionalização da Revolução de 1910. A crítica aparece pela narrativa dos entrevistados por Tabone ao contar suas histórias. Está claro que suas lembranças refletem em parte a história oficial sobre a Revolução e em parte revelam particularidades

incompatíveis com a versão oficializada. A metodologia adotada pela cineasta e sua equipe traduz a contradição.

Para intento da realização de ambos, Tabone vai ao tema recorrendo à materiais filmicos existentes em distintos arquivos, como: “*Hermanos Alva, Filмотeca de la Universidad Nacional Autónoma de México, Archivos Tepoztlán, Librería Del Congreso de EUA, National Archives Film Footage*” (MARTÍN, 2010, p. 262). Mas foi nos relatos particulares de uma memória popular da Revolução, mediados pelas lembranças pessoais dos veteranos da luta armada e de seus familiares, que Tabone formou sua principal fonte e objeto de pesquisa. Este acervo é o que podemos chamar de “arquivo familiar”. Para David M. J. Wood, os filmes de Tabone:

Plantean rescatar una memoria popular de La Revolución mediante lãs remembranzas personales de veteranos sobrevivientes de la lucha armada y de sus familiares. Se trata de una serie de venerables ancianos cuyos microrrelatos de La Revolución presentan un claro desafío al relato oficialista de La Revolución institucionalizada por los regímenes posrevolucionarios. Pero también pretenden contrarrestarla fragmentación y La pérdida, em tiempos recientes, de los valores revolucionarios por los cuales ellos lucharon tantos años atrás (2014, p. 102).

Por essa razão, Wood coloca os trabalhos do cineasta na esfera narrativa da crítica do relato oficial da Revolução institucionalizada pelos governos pós-revolucionários já mencionados nesse texto. Wood complementa dizendo: “*tales narraciones paralelas, o anti narrativas que desmontan La historia hegemónica, ofrecen una mayor autenticidad que los discursos monometalizantes o falsificantes en el cine documental o de ficción*” (Ibid, p. 100). Oferecendo uma narrativa alternativa à historiografia da Revolução institucionalizada, os documentários fazem a mediação de dois momentos históricos dos zapatistas e villistas: a Revolução imaginada e vivenciada por aqueles que levantaram as armas em 1910 com a Revolução rememorada durante os acontecimentos políticos, sociais e econômicos do final do século XX.

É de significativa importância situar os documentários no contexto histórico, dado as condições políticas e econômicas do México na transição do século passado para este século. Entre 1988 e 1994, o governo de Carlos Salinas adotou o projeto neoliberal com

a adesão do México ao NAFTA⁵, que entrou em vigor em 1994. Ao longo dos anos 1990, as reformas do governo Salinas atentaram contra as formas ancestrais de vida das comunidades indígenas e camponesas (VELAZCO, 2017). A medida mais questionada foi a reforma do artigo 27 da constituição veio colocar “*las tierras ejidales en las manos del mercado y capital privado al permitir a los ejidatarios vender sus parcelas, lo que conllevaría tanto la erosión de las comunidades campesinas como la creación de nuevos latifúndios*” (Ibid., p. 31). Sobre essa medida, Margarida Zapata, neta de Emiliano Zapata e vice-presidente da Internacional Socialista, ressalta, em *Los zapatistas heróes*, que a reforma do artigo 27 resulta na precarização da estrutura das pequenas propriedades agrícolas e não na maior liberdade dos camponeses para decidirem por si mesmo o que fazer com suas terras, como pronunciou em rede de televisão nacional Salinas. Segundo Ela, não acontece a prometida reforma agrária porque não há uma assistência técnica e econômica aos camponeses e também não há estímulos econômicos para o desenvolvimento da pequena propriedade agrícola. Os camponeses se veem na situação de vender suas terras aos grandes proprietários e, conseqüentemente, migrar para os grandes centros urbanos ou para o exterior. Ela denuncia que essa política cria mais desemprego, mais violência provocada pelo tráfico e uso de drogas e pela prostituição. Margarida Zapata alerta para os resultados trágicos de uma política econômica guiada pelo capitalismo em nome do progresso mundial.

Esse projeto devastador e excludente de Carlos Salinas representou, para comunidades camponesas e povos indígenas tradicionais, a consolidação do retrocesso econômico; uma ameaça iminente de desterro e de intensificação da polarização econômica, propagação da pobreza e, conseqüentemente, de migração. Nessa conjuntura, os sentimentos em relação à consolidação da Revolução são retomados, e novas formas de resistir e existir, à sombra do zapatismo, surgem. O olhar do cineasta documentarista Tabone representou o retrato dessa história latente na memória e no cotidiano. A presença dos ideais revolucionários ainda bem vivos na virada do século demonstram que ainda há muito a conhecer dessa Revolução e os trabalhos imagéticos de Tabone são uma alternativa

⁵ O NAFTA (*North American Free Trade Agreement*) – é o acordo de livre-comércio da América do Norte formado por Estados Unidos, Canadá e México, assinado em 1994 e que teve como intenção a redução das barreiras econômicas e alfandegárias entre esses países.

para representação histórica.

Em *Los últimos zapatistas, héroes olvidados e Pancho Villa, la revolución no ha terminado*, descobrimos outras histórias dessa luta armada sob o som da oralidade em imagens. As histórias sobre Zapata e Villa são revisitadas e suas imagens surgem não apenas como revolucionários, ou ídolos de gerações de mexicanos e mexicanas, mas como ideais de uma luta camponesa por justiça social e econômica. Zapata representa a resistência de antes, e de hoje, contra a opressão interna; e Villa, aquele que invadiu e lutou em território estadunidense, a resistência contra o opressor e invasor estrangeiro. Ambos são recordados pelos entrevistados como um símbolo, uma força que não desapareceu ou morreu quando estes tombaram pela traição. Na memória coletiva zapatista, Emiliano Zapata não morreu e foi levado para Arábia, ou que havia se refugiado em Chiapas. Alguns veteranos relatam que não acreditam na morte do general. Essa crença de que Zapata não morrera foi construída a partir de sua execução, em 1919. Em *Pancho Villa, la revolución no ha terminado*, Villa é recordado como o general que retirava dos ricos para distribuir aos pobres. Para uma veterana da guerra, se Villa estivesse vivo os mexicanos não estariam na condição de desigualdade socioeconômica.

A presença salvadora dos ideais revolucionários zapatistas e villistas são retomados e reivindicados pelos narradores e narradoras nos documentários como denúncia ao projeto neoliberal adotado pelos governos nos anos de 1990. O neozapatismo em Chiapas em atuação política e militar desde 1994 é o mais expressivo exemplo de uso do passado revolucionário como principal frente de ação e resistência ao desmonte programado das comunidades tradicionais indígenas e camponesas, dentro dos projetos da economia neoliberal. O encontro entre veteranos da Revolução de 1910, e a resistência zapatista de Chiapas, significa a consciência zapatista de que os ideais revolucionários e a existência do que ainda resta dessa luta depende da consolidação da Revolução imaginada e interrompida e o caminho está na ruptura, no caso do EZLN, revolucionária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa construída pelos documentários é composta pela imagem rememorada da Revolução Mexicana, e de sua ressonância na sociedade mexicana ao longo do século XX e início do século XXI. São imagens individuais e coletivas que se entrelaçam, tecendo

uma diversidade de vivências das quais experiências e histórias estão fundadas em experiências latentes ainda no presente e são reproduzidas pelos sobreviventes e seus descendentes pela oralidade, pela história e pelo audiovisual. Contam sobre si mesmos e sobre a história que envolve suas existências em uma sociedade em que histórias sobre outras revoluções mexicanas são, ainda, muito presentes no cotidiano daqueles e daquelas que acreditam que sua existência e resistência nas décadas de 1990 e 2000 na rememoração e na continuidade de luta iniciada em 1910.

O uso da memória e do imaginário revolucionário, retomado pela lembrança e visualizado pela narrativa individual e coletiva dos sobreviventes e de seus descendentes, através da oralidade capturada em imagens, estabelece uma metodologia alternativa às metodologias convencionais utilizadas pela historiografia oficial sobre a Revolução. Por essa razão, os documentários aqui analisados, ao vasculhar os escombros da Revolução revelam fatos, personagens, lugares, expectativas, realidades e experiências que são pensadas pela tradição oral no contexto da experiência pessoal e coletiva. Os lugares de fala das narradoras refletem a visão e os sentimentos que construíram em torno da guerra imaginada, traída e inacabada. Para os entrevistados, a Revolução de 1910 é o lugar no qual as lutas do presente (1998-2008) devem mirar seus olhares.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *20 de novembro de 1910: a Revolução Mexicana*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional e Lazuli Editora, 2007.

BLANCO, Jorge Ayala. México: UNAM, 2011.

CAMÍN, Héctor Aguilar; MEYER, Lorenzo. *À Sombra da Revolução Mexicana: História Mexicana Contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000.

NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da história. In: *O Olho da História*. Revista de História Contemporânea, V. 2, n. 3, Salvador-Ba: Bahia, nov. 1996.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Március. *Sombras esculpindo o passado: métodos... e alguns lapsos de memória no estudo das relações do cinema com a história*. In: *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 16, n. 9/10, p. 705 – 719, set./out. 2006.

HERZOG, Jesus Silva. *Breve história de la Revolución mexicana: los antecedentes y la etapa maderista*. Cidade do México: Fondo de Cultura

Económica, 2004.

Los últimos zapatistas, héroes olvidados. Direção: Francesco Taboada Tabone. Produção da Universidad Autónoma del Estado de Morelos, Fondo Estatal para la Cultura y las Artes de Morelos. Local: México. 2000. 1 DVD (70 min.).

MARTÍN, Patricia Torres San. *Los veteranos zapatistas y villistas, ideales, polvo y memoria de la Revolución*. In: PÉREZ, Olivia C. Díaz. (Coord), *La revolución mexicana en la literatura y el cine*. CONACULTA – UDG, México, pp. 259-270, 2010.

Pancho Villa, la revolución no ha terminado. Direção: Francesco Taboada Tabone. Produção de Manuel Peñafiel e Francesco Taboada. Local: México. 2006 1 DVD (90 min.).

TABONE, Armando Francesco Taboada. *Amo ti mokaua: movimientos sociales de raíz indígena en Morelos*. Tese (Maestro en Estudios Mesoamericanos) – Programa de Maestría y Doctorado en Estudios Mesoamericanos, Universidad Nacional Autónoma de México. Cidade do México, p. 172. 2013. Disponível em: <http://132.248.9.195/ptd2013/junio/0695811/Index.html>. Acesso em 20/08/2022.

VANOYE, Francis; GOLIOT- LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise filmica*. Trad. Maria Appenzeller. Campinas: Papyrus, 2008.

VELAZCO, Salvador. *Raymundo Gleyzer en México: La revolución congelada*. In: III Congreso Internacional de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual. Argentina: AsAECA, 2012. Disponível em: http://www.asaeca.org/aactas/velazco_salvador_-_ponencia.pdf. Acesso em 10/08/2022.

WOOD, David M.J. 2014. *Vestigios De Historia: El Archivo Familiar En El Cine Documental*. *Anales Del Instituto De Investigaciones Estéticas* 1 (104): 97-125, 6 de junho, 2014. <https://doi.org/10.22201/iiie.18703062e.2014.104.2517>